

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM TEATRO

LUCIANO SANTIAGO DAVID

TESLIBRAS:
O Diário de uma Experiência de Ensino do Teatro aos Surdos

BELÉM-PA
2018

LUCIANO SANTIAGO DAVID

TESLIBRAS:

O Diário de uma Experiência de Ensino do Teatro aos Surdos.

Trabalho de Conclusão de Curso,
Orientadores: Prof^ª Esp. Uisis Paula da Silva
Gomes. Co-orientadora:
Prof^ª. Dra Olinda Margaret Charone.

BELÉM-PA
2018

LUCIANO SANTIAGO DAVID

**TESLIBRAS:
o diário de uma experiência de ensino do teatro dos surdos.**

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Teatro, e aprovada em sua forma final pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Belém, 23 de fevereiro de 2018.

Conceito: B

BANCA EXAMINADORA:

Uisis Paula da Silva Gomes

Profa. Esp. Uisis Paula da Silva Gomes
Orientador(a)

Inês Antônia Santos Ribeiro

Profa. Me Inês Antônia Santos Ribeiro
Examinador

Arlindo Gomes de Paula

Prof. Esp. Arlindo Gomes de Paula
Examinador (a)

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes ao acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Local e data: Belém-PA, 04 de Julho de 2018.

Assinatura: Luciano Santiago David
Luciano Santiago David

Dedicatória

Dedico esse trabalho a toda minha família que esteve em todos os momentos ao meu lado sendo minha base, meu bem mais precioso, e sobretudo meu pai Domingos Queiroz David, que sempre foi minha principal fonte de admiração, dedicou e dedica sua vida em busca de dar um futuro melhor para mim e meus irmãos, sempre se recusou a me negar qualquer coisa que fosse, do seu alcance. Por ter me ensinado o valor do trabalho, respeito e perseverança. Essa conquista é para você pai, é uma forma de mostrar que tudo o que fez por mim não foi em vão, e se depender de mim ainda virão muitas outras conquistas, para lhe oferecer. Obrigado pai, saiba que és o principal responsável de tudo isso!

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus por todas as bênçãos que tem me dado. Em segundo lugar, a Universidade Federal do Pará pôr me oportunizar este passo importantíssimo em minha vida.

Em terceiro, minha família por ter me apoiado emocional e financeiramente a seguir no curso, nas figuras de meus pais, Domingos Queiroz David e Higinia Narciso dos Passos Santiago, que fizeram diversos sacrifícios para que eu chegasse até aqui e pudesse me manter no curso, me aconselhando a sempre seguir em frente; agradeço a minha irmã que esteve ao meu lado em toda essa jornada, desde o momento das provas, até esta conclusão, me ajudando a superar as dificuldades impostas por fatores como a distância, devido eu morar em uma cidade e cursar faculdade em outra; aos meus irmãos Luan Santiago David e Lucivaldo Santiago David, ao apoio em diversas ocasiões da vida; a minha orientadora, professora e amiga Uisis Paula da Silva Gomes por me instruir incansavelmente no período da construção desta tese, além de ser uma grande indutora à iniciação dessa pesquisa e grande fonte de inspiração profissional; a coorientadora Olinda Margaret Charone pelas instruções, por me guiar na elaboração desta busca; agradeço a todo o corpo docente da Escola de Teatro e Dança da UFPA, em especial os professores: Miguel de Santa Brígida por toda ajuda como professor e amigo; a Claudia Gomes por ter sido mais que uma professora, uma guardiã acadêmica, que me orientou sempre, mesmo fora do horário e local do curso; sou grato as escolas Dr Maroja Neto e Vicentina Sodré de Araújo, e seus respectivos corpos docentes pelos ensinamentos; a todos os meus colegas de turmas; em particular Epaminondas Junior, Leandro Quinderé, Neivaldo Santos, Nilson Chucre e Silvia Teixeira; agradeço ao incentivo dos meus amigos, Wender Moreira, Jean Michel, Erick Dias, Maicon Costa, Sandro Alan nascimento, Everton Douglas e Antônio Candido; à Adriana Lopes, Leandro Meirelles e Jaqueline Oliveira por propiciarem meios para que eu tivesse condições de construir esta pesquisa.

RESUMO

Esta monografia será apresentada como trabalho final de conclusão do curso, Licenciatura Plena em Teatro, da Universidade Federal do Pará, por intermédio do Instituto de Ciências da Arte, tendo como título “TESLIBRAS: o diário de uma experiência de ensino de teatro aos surdos”. Que tem como objetivo geral criar metodologias e adaptações para ensino do Teatro às pessoas surdas com possibilidade de registro. Esta pesquisa é construída com base na metodologia científica estudo de caso, realizada via estudos em campo, com coleta de material gerado por meio de fotos, vídeos e anotações. Trazendo como principais teóricos Augusto Boal (2013) e Viola Spolin (2001; 2010). Apresento como resultado final o relato da experiência em campo e o material didático produzido no mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino do Teatro. Surdez. Metodologias adaptadas. Inclusão.

ABSTRACT

This monograph will be presented as the final work for the conclusion of the course, Full Degree Theater, from the Federal University of Pará, through the Institute of Art Sciences, with the following title: TESLIBRAS: the diary of an experience teaching theater to the deaf. Its main objective is to create and record methods and adaptations for the teaching of the Theater to deaf people. Counting as a counselor: Prof^a Esp. Uisis Paula da Silva Gomes and Coorientadora: Prof^a. Dr. Olinda Margaret Charone, the same is built according to the scientific methodology case study, conducted by way of a field study, with collection of material generated by means of video photos and notes. Bringing as main theorists Augusto Boal (2013) and Viola Spolin (2001; 2010). Presenting as final result the report of the experience in the field and the didactic material produced in it.

KEY WORDS: Theater Teaching. Deafness. Adapted methodologies. Inclusion.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I: TESLIBRAS:	19
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO TESLIBRAS	19
1.2 CAMPO DA OBRA EM ESTUDO	23
CAPITULO II: PRÁTICA COM OS SURDOS E PRODUÇÃO DE MATERIAIS:	24
2.1. PRINCIPAIS DIFICULDADES:	26
2.2 METODOLOGIAS DE ENSINO CRIADAS:.....	29
CADERNO DE METODOLOGIA.....	29
2.2.1 – 01 O PROFESSOR-ATOR	29
2.2.2: -02 MEDIADOR EM MOVIMENTO	30
2.2.3: - 03 SURDO-INTERPRETE.....	31
2.3 JOGOS E ATIVIDADES CRIADAS E ADAPTADAS:.....	32
3.1 DISCUSSÕES E RESULTADOS	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo gerado a partir da experiência de ensinar teatro aos surdos, que surgiu durante o sexto semestre (terceiro ano), do curso Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal do Pará, o mesmo relata o surgimento desta pesquisa em três fases: ensino, extensão e pesquisa. A fase de ensino refere-se à minha vivência em duas disciplinas indutoras da pesquisa; a extensão, ao momento em que eu saí para estagiar em um projeto de extensão que foi meu lócus da pesquisa. E por fim a fase da pesquisa, que é a consolidação desta experiência com surdos em monografia, que apresento como trabalho de conclusão de curso estruturado da seguinte forma:

Introdução, na qual contém os objetivos geral e específicos, justificativa, a metodologia da pesquisa, problemática da pesquisa e faz a contextualização do surgimento da pesquisa e campo de estudo.

Capítulo I “Apresentação do Projeto TESLIBRAS” apresenta projeto TESLIBRAS, seus objetivos, período de execução, dirigentes e metodologias, além de conter uma pequena entrevista com a criadora e coordenadora do mesmo, que diz respeito às suas pretensões ao construir o projeto, a entrevista também indaga sobre sua vida como professora surda em uma escola de alunos de teatro ouvintes e seus pensamentos sobre minha presença no referido projeto.

Capítulo II “Prática com os surdos e produções de materiais”, contém o material produzido durante o estudo no campo de pesquisa coletados através de vídeos fotos e anotações. Organizados nos subcapítulos: 2.1 principais dificuldades, 2.2 metodologias de ensino criadas, Jogos e atividades teatrais criadas e adaptadas.

Considerações finais, na qual cabe minhas observações sobre a experiência com os surdos, à começar pelo resultado cênico apresentado no final do projeto chamado “Surdos em Cenas”, a culminância do projeto seguido pelos objetivos alcançados, o desenvolvimento dos surdos na prática do teatro. E encerrando com as dicas e levantamentos que são, algumas observações referentes essas práticas que podem ajudar a outros professores de teatro ou pesquisadores, a iniciar um trabalho parecido usando essas dicas que dizem respeito as dificuldades e habilidade dos surdos voltados para as atividades teatrais.

A cada dia se torna mais visível a importância do professor perante a formação de uma sociedade, como ele pode influenciá-la de forma grandiosa já que, eles, ou melhor,

nós, já me pondo nesse meio, trabalhamos com a dissolução de conhecimento, temos o papel de orientar e ajudar as pessoas a terem mais possibilidades, segurança e autonomia em suas escolhas.

A ideia principal dessa área é que esse suporte seja o mais abrangente possível, se torne universal e consiga amparar a todos, moldando-se de acordo com as necessidades e dificuldades de diferentes grupos.

Agora me refiro a especificamente área em que estou contido: O Professor-Educador de Teatro, que recentemente entra na cena para atuar nos diversos níveis da educação básica como garante a Lei Brasileira nº 13.278/2016, publicada em 03 de maio de 2016 e com prazo de 5 anos para que os sistemas de ensinos promovam a formação de professores para atuarem nos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio.

Uma incumbência muito importante para nós educadores, pois a categoria recebeu a atribuição de disseminar o teatro em um campo mais amplo com a responsabilidade de fazer isto da melhor maneira possível para que ele se torne algo mais frequente em suas vidas. Transformando assim a visão superficial que muitas pessoas têm sobre o mesmo.

É claro que cada professor tem sua própria maneira de ver esse trabalho, eu vejo como uma grande oportunidade de fazer diferença, mas, de que maneira? - Apresentando o teatro e toda sua essência política, artística e reflexiva a todos os tipos de públicos (crianças, idosos, jovens, adultos deficientes e etc) instruindo-os a utilizar essa linguagem e mostrando-os inúmeras possibilidades que ela oferece, seja para debater questões, expor seus pensamentos, protestar, entretenimento, ou apenas faze-la pelo amor à arte.

Em todos os casos citados a cima o teatro continua tendo sua força política, segundo Augusto Boal “[...] todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades dos homens, e o teatro é uma delas.” (BOAL,2013, p.13), fazer essa conscientização é para mim a tarefa mais importante desse professor.

O fato é que o Teatro tem um poder pedagógico muito intenso, pois trabalha com sentimento, emoção e diversas formas de expressa-los, um fator a mais para quem ensina e quem aprende, no entanto, para que essas vantagens que o teatro possibilita sejam aproveitadas é necessário que os professores tenham uma boa preparação, o que é um dos dois pontos essenciais para que o teatro possa assumir seu verdadeiro papel de contribuição para a sociedade segundo REVERBEL (1979 p.155 apud Cavassin, 2008, p,44)

Para que no futuro o teatro na educação assuma o seu verdadeiro papel, que é o de contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhe as etapas do pensamento que evolui do concreto para o formal, para dar-lhe uma visão de mundo a partir da marcha gradativa das suas próprias descobertas é preciso que se atendam dois pontos essenciais:

- A preparação dos professores
- O apoio governamental, isso é, uma efetiva ação do Ministério da Educação e da Cultura.

Acredito que um dos papéis mais importante dos futuros docentes é se empenhar ao máximo para alcançar esse treinamento durante o curso, já que é ele quem garante que consigamos abranger um campo maior de pessoas, e nos dará amparo para que possamos atender diversos públicos.

Visando isso é que realizo essa pesquisa para tentar por meio dela me preparar para atender a comunidade surda, seja em escolas regulares privadas, públicas ou especiais, lhes dando o direito de ter também o teatro presente em suas vidas como uma arma a mais, que poderá lhes ajudar a lutar por suas causas, caso optem por usá-lo dessa forma. Pois acredito no pensamento de Boal quando ele diz: “[...] o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente”. (BOAL,2013, p.13).

Particularmente concordo e acredito profundamente nisso, e o curso de Licenciatura em Teatro veio para me reforçar esse fato, e acabou me alertando também que, muita coisa ainda pode ser feita para que o teatro continue sendo uma arma poderosa da qual Augusto Boal fala, e é a nossa contribuição como formandos que fará com que isso aconteça é com essa visão que surge minha pesquisa. Dito isso já início o discurso sobre o motivo principal dessa indagação.

No sexto semestre desse curso de Licenciatura plena em Teatro vivenciei duas disciplinas voltadas para inclusão as disciplinas: Libras e Práticas de Inclusão com Teatro, as quais buscam nos preparar para enfrentar o desafio de receber alunos com diferentes deficiências em sala, por certo julgo serem muito importante nesse processo de formação posto que, graças a elas começamos a pensar sobre possibilidades de ensinar um aluno surdo, deficiente físico, autista, Síndrome de Down e etc.

Das duas disciplinas citadas, a primeira disciplina que tivemos contato foi com Libras, o começo foi engraçado posto que, achei que era só uma grande brincadeira da professora fingir que era surda, além do mais eu estava em uma faculdade de teatro, passei 3 aulas pensando assim, esperando que ela revelasse a brincadeira, até que finalmente

acreditei que a professora Uisis é realmente surda, foi impactante para mim em razão, posto que não havia tido contato com pessoas surdas antes.

Nos primeiros encontros imaginava que seria uma disciplina muito difícil pois, era muita informação, o alfabeto manual deixava minha mão dolorida, me encontrava sempre tenso, pois quando se tratava de aulas práticas a Uisis dispensava o interprete, o que me deixava mais preocupado, eu pensava: e se eu não entender? Como vou perguntar para ela? - já sei, vou escrever no quadro! E para falar a verdade poucas vezes foi preciso que eu fizesse isso.

Quando findaram as aulas iniciais, eu já havia aprendido o alfabeto manual, recebido meu sinal, que é como um tipo de símbolo, o qual só pode ser dado por um surdo e tem que ter ligação com traços físicos de quem recebe, começamos as apresentações iniciais como: oi, bom dia, tudo bem, prazer em conhecer você, prazer em conhecer você também, tchau e etc.

Em seguida começamos a aprender os sinais tais como: rio, sol, árvore, carro, casa, escola, água e etc. nesse momento eu já comecei a me sentir atraído pela disciplina pois eu começava a ter um bom desempenho. Após as aulas a docente sempre passava um exercício, muitas vezes pedia que nós alunos fizéssemos uma pequena história usando os novos sinais que tínhamos aprendido naquele dia, tudo se transformava em cena. Eu achava sempre divertido misturar LIBRAS com Teatro.

Aos poucos já não sentia aquela tensão de não ter um interprete, ao contrário, já preferia as aulas práticas, pois eu começava a pensar que deveria aprender o máximo de coisas possíveis, para que ao término do curso eu pudesse pelo menos ter uma pequena fluência em comunicação com os surdos, mas uma coisa não havia mudado; o excesso de conteúdo e percebi isso quando chegou o momento de aprender os verbos, pronomes e etc. A parte mais importante para a comunicação, os sinais eram fáceis de fazer, porém são muitos, a parte mais difícil era memorizar todos, a metodologia da professora continuava a mesma: ensino e prática.

Na fase final, nossa professora Uisis pediu cenas de teatro em grupo, onde a comunicação devia ser por meio de sinais, com temas escolhidos por ela seria a primeira fase avaliação final, lembro muito bem que um dos temas era escola, onde um professor de teatro ouvinte recebia um aluno surdo.

Fizemos desse tema o seguinte: criamos uma cena onde o professor explicava os exercícios do teatro oralmente sem perceber que um dos alunos era surdo, e quando ele

percebera, voltara sua atenção para este aluno, sem saber LIBRAS acabava perdendo toda sua metodologia já que, enquanto passava muito tempo tentando explicar ao surdo os demais alunos ouvintes se dispersavam da atividade.

Por algum tempo me imaginei no lugar do personagem daquele professor de modo que acredito que eu faria o mesmo, não deixaria de dar ênfase ao aluno surdo e sem uma metodologia melhor provavelmente eu cometesse o mesmo erro que o personagem da nossa cena, que me deixou ainda mais determinado em aprender sinais.

A segunda parte da prova foi individual, a tarefa era traduzir um pequeno texto que estava posto no slide escrito em português, e deveríamos apresentá-lo para professora utilizando os sinais de libras, para que assim ela pudesse avaliar nosso aprendizado referente aos sinais, além de algumas frases com os verbos e nomes de objetos que havíamos aprendido, inclusive os de apresentação que tínhamos estudado lá no início, fiquei um pouco frustrado ao final da prova, visto que esqueci muitos sinais estudados anteriormente.

Era o final da disciplina e na realidade ainda não estava me sentindo preparado para ensinar um aluno surdo, precisava de mais tempo estudando nesta disciplina para chegar ao meu objetivo de conseguir uma comunicação razoável com os mesmos, desta maneira teria mais possibilidades de não cometer o mesmo erro daquele personagem (professor) que interpretamos na cena.

Realmente fiquei bastante preocupado, lembro que tive uma conversa com a Uisis onde ela me disse que poucos de seus alunos tinham feito pesquisas relacionadas a esse tema, e falou também da carência que a UFPA possui quanto a trabalhos que envolvem o tema “o ensino do teatro aos surdos!”, porquanto apenas uma de suas alunas havia iniciado um estudo relacionado a esse tema e algum tempo depois desistiu.

A disciplina chegou ao final, e eu desejava “quero mais, preciso me preparar mais!”. Continuava mesmo sabendo que se aproximava o final do curso, minhas chances de conseguir saciar meu querer estavam diminuindo cada vez mais.

Começou então, a disciplina Prática de Inclusão com o Teatro ministrada também pela professora Uisis. A princípio foi bastante teórica, estudávamos as leis de amparo de pessoas com deficiências, e pesquisávamos alguns dos tipos de deficiências como: visual, auditiva, física e intelectual.

Um dos trabalhos finais, em grupo, foi um seminário para o qual fora sorteado um tema para cada equipe e a mesma deveria estudar sobre esse tema uma das deficiências

já citadas, além de fazer o levantamento de como ocorre, quais os meios de locomoção que essas pessoas utilizam e enfatizar a questão do acesso dessas pessoas nas escolas e locais públicos, assim como elencar quais as principais dificuldades que essas pessoas enfrentam.

Meu grupo recebeu o tema deficiência física, elaboramos o levantamento das principais causas e tipos. Ao atingirmos a parte referente à locomoção e acesso a locais públicos, percebemos que embora estejamos em um momento em que a preocupação com a acessibilidade está cada vez maior, na prática muitos lugares ainda precisam ser adaptados, principalmente as escolas públicas.

Minha equipe decidiu abordar os locais onde cada um de nós estudou, informar o que tinha de acessível para pessoas com deficiência física em cada um desses lugares e o que precisava ser feito para o melhor acesso dessas pessoas a esses ambientes.

Enquanto fazíamos estes estudos, já pensávamos também na situação dos professores destes locais, será que eram preparados para receber um deficiente físico? Cada integrante do nosso grupo que conhecesse algum caso que envolvia essa problemática relatava como exemplo, e desta forma apresentamos o seminário.

E de forma particular eu sempre me colocava na situação polemizada, me imaginando como resolveria essas adversidades.

A última avaliação da referida disciplina foi o indutor final para o início desta pesquisa pois, a tarefa que carecia de fazermos me levou a refletir bastante meu futuro como professor como descrevo a seguir.

A turma continuou dúvida em grupos e dessa vez nosso trabalho que era o trabalho final da disciplina foi: planejar uma aula de teatro e executar, visando um público com algum tipo de deficiência que também seria sorteado.

Recebemos como tema a deficiência visual, logo começamos a pensar em meios de adaptar exercícios teatrais para cegos, foi um trabalho muito dispendioso em razão de que, além de adequar os jogos e exercícios ainda precisavam ambientar o local para que os alunos se sentissem seguros.

Na execução, foram nossos colegas que representaram os deficientes, mesmo atuando tínhamos que fazer uma aula real.

Adaptamos alguns exercícios dando ênfase ao som, usando jornal, construímos um piso tátil que fazia a marcação do espaço e realizamos a aula, alguns dos jogos não

funcionaram tão eficazmente quanto o esperado, mesmo aplicando com nossos colegas de classe, não cegos.

A vista disso percebi que precisava me preparar mais e que só o tempo do curso e as disciplinas não bastariam, por sorte minha professora Uisis estava precisando de um aluno de teatro para ministrar a aula no seu projeto de extensão visto que o seu bolsista tinha saído do mesmo, foi quando ela me convidou, para ser o bolsista no projeto TESLIBRAS, no entanto, eu não pude a princípio pois já ganhava uma outra bolsa, entretanto era uma oportunidade única de aprendizado, a experiência que estava necessitando, e da maneira que Viola define experiência:

Experienciar é penetrar-se no ambiente, e envolver-se total, e organicamente com ele. Isso significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo, dos três, intuitivo é o mais vital para a situação de aprendizagem, é negligenciado. (SPOLIN, 2010. P.4)

De fato, eu já tinha ponderado a ideia de estagiar no referido projeto a partir da próxima fase do curso a saber o estágio supervisionado I, pois um pouco antes do final da disciplina “Práticas de Inclusão com Teatro”, a criadora do projeto, Uisis, já havia me falado do mesmo.

Fiquei bastante tenso quando eu soube que iria assumir o comando das aulas, sendo que eu só sabia o básico de Libras, menos que isso para ser sincero, ainda assim, a mentora dona do projeto me disse para eu não me afligir, que me ajudaria no que precisasse.

Iniciei as aulas com intuito de aprender mais sobre os surdos, experimentar metodologias, e ver como me sairia, a ideia da pesquisa surgido, veio a partir da primeira aula onde registrei em fotos a aula, fiz algumas anotações do que descobri e aprendi, percebi que esses experimentos que estava fazendo poderia se tornar algo valioso, para mim, para os surdos e meus colegas, registrando isso poderia está fazendo diferença, uma vez que existem poucos estudos voltados para esse tema.

Não é dificultoso encontrarmos espetáculos com surdos atuando, ou espetáculos feitos para surdos, o escasso é encontrarmos trabalhos que ensinem como ensinar teatro aos surdos, quais metodologias a bordar, como iniciar e etc. Sendo assim decidi que essa seria minha contribuição como formando, meu trabalho final: criar e registrar metodologias e moldagem para o ensino do teatro às pessoas surdas.

O problema principal desta pesquisa está no fato de que o aluno licenciando em Teatro não tem o tempo ideal para se sentir apto para ensinar um aluno com algum tipo de deficiência pois, a licenciatura é apenas uma formação inicial, que nos instiga a sairmos da academia e buscar por mais preparação, no entanto, tentei buscar essa preparação ainda nela a través do programa de extensão.

Quando me deparei com essa situação comecei a imaginar as diversas dificuldades que poderei enfrentar. É quando começo a me perguntar e pensar em como usar essa pequena introdução de inclusão que tive, e transforma-la em algo mais consistente para usar futuramente?

Certo de que não poderia enfrentar todos esses desafios de uma única vez, então decidi começar com os alunos surdos. Antes de prosseguir com este desdobramento se faz necessário reforçar sobre o que é considerado o indivíduo surdo e a língua brasileira de sinais.

Sendo assim, são consideradas surdas pessoas que perderam total ou parcialmente sua capacidade de detectar sons, por exemplo, surdas profundas não ouvem exatamente nada, enquanto as parcialmente surdas (surdez moderada e leve) mesmo com a deficiência a pessoa é funcional com ou sem prótese auditiva. Existem diferentes tipos de deficiência auditiva dentre elas estão: Mista, condutiva, neurosensorial e central.

Na condutiva ocorrem falhas na percepção do som no trajeto do condutor auditivo externo até o a orelha interna, neste caso há possibilidade de o erro ser corrigido através de cirurgia, no caso da neurosensorial a surdez é causada por uma lesão na orelha interna ou no nervo auditivo, neste caso o processo é irreversível, quanto a Mista é a deficiência causada por ambos os casos condutiva e neurosensorial em uma mesma pessoa, e pôr fim a surdez central onde não ocorre necessariamente a diminuição da sensibilidade auditiva, pois é manifestada por diferentes graus de dificuldades da compreensão e decodificação sonora.

Segundo Marcello Fernandes em seu site www.acessibilidadeinclusiva.com há variados níveis de surdez, chamados graus de surdez, que são calculados por meio de decibéis (dB), a unidade medidora dos volumes ou intensidades de sons, que possibilita classificar a surdez em: surdez leve, moderada, severa e profunda.

Surdez leve: a qual a perda auditiva é de até 40 dB, fazendo com que o indivíduo perca a percepção perfeita dos fonemas das palavras, no entanto, não impede a aquisição

padrão da linguagem, todavia, existe possibilidade de causar algum problema articulatório ou embaraços na leitura ou escrita.

Surdez moderada: Esta perda auditiva varia entre 40 e 70 dB, nesses limites se encontram o estágio de percepção de palavras, no qual é preciso uma voz com boa intensidade para que a palavra seja entendida.

Surdez severa: ostenta a perda auditiva variável compreendida entre 70 a 90 decibéis, e pôr fim a **Surdez profunda:** na qual a perda da audição ultrapassa 90 dB, o nível mais alto.

Após esse breve esclarecimento sobre surdez, é de valia também explanar brevemente sobre a língua materna dos surdos aqui no Brasil, chamada de LIBRAS, para melhor compreensão das discussões a seguir:

A Língua Brasileira de sinais (LIBRAS), é reconhecida legalmente no Brasil no ano de 2002, por meio da lei: 10.436, de 24 de abril de 2002. Sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

A seguir a definição de LIBRAS de acordo com esta lei:

Entende-se por Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil.

É válido esclarecer que a LIBRAS não é uma linguagem e sim uma língua assim como o português, espanhol, inglês, francês e etc.

Existem diversas línguas de sinais pelo mundo todo, possuem variações de um país para o outro. A Libras é a específica do Brasil, originada e inspirada na língua de sinais francesa

A Língua de Sinais possui um recurso de grande importância, chamado Classificador em Libras (CL), que é utilizado para descrever ações, verbos, objetos, pessoas, animais, detalhamento de sua forma, especificações, tamanho, peso, espessura e cor. (Supalla,1986), nos conta o que ocorre nos classificadores:

Nos classificadores, mãos e corpo são usados como articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação. A forma básica do verbo inclui: (1) um movimento dentre uma série restrita de movimentos possíveis, que se refere a um tipo de predicativo de existência, localização ou movimento; (2) uma configuração de mão (CM) particular ou outra parte do corpo, o que seria tipicamente o morfema classificador do VM ou VL, e (3) um caminho ou um traçado para esse movimento. (SUPALLA, 1986, apud Lúcia, 2012, p.253).

Após esses breves esclarecimentos sobre Surdez e Libras, retomo o raciocínio sobre o surgimento deste estudo. No sexto semestre surge uma oportunidade de eu estagiar em um projeto de extensão que leva o ensino do Teatro a alunos surdos chamado TESLIBRAS que passei a conhecer através da Coordenadora e Professora surda, Uisis Paula da Silva Gomes, responsável pelas disciplinas LIBRAS e Práticas de Inclusão com Teatro da Licenciatura em Teatro.

Uma grande oportunidade de “experimentar” trabalhar teatro com os surdos, aliás essa palavra acaba se tornando a grande força disparadora de minhas ideias, é o que consegui encontrar como resposta às perguntas que eu estava me fazendo, é o que pode trazer a mim uma resposta concreta, pois acredito que não basta apenas conhecer teorias, estudar as principais dificuldades e facilidades de cada caso teoricamente essa é a experiência que eu esperava.

É necessário entrar em contato com essas pessoas, se dispor a testar, e ver a reação sobre que você está propondo os pontos positivos e negativos, e a partir deles modificar adaptar suas metodologias. Criando assim uma base, uma noção do que pode ou não funcionar, esse será o material produzido nessa pesquisa diversas experimentações, resultados e observações, que irá servir para mim, para outros professores e futuros professores que optem por utilizar.

Dito isso já entro no objetivo geral da pesquisa que é criar e registrar métodos e adaptações para ensino do Teatro às pessoas surdas. Acredito que possa ser uma contribuição para meus colegas professores de Teatro que terão este material disponível para usar como um guia ou complemento caso tenham que realizar um trabalho parecido, lecionar teatro para surdos independentemente de local ou sistema de educação, também uma contribuição maior aos surdos que poderão praticar o teatro com métodos adaptados de acordo com suas necessidades. Além de estar contribuindo com a produção de conhecimento para Universidade Federal do Pará, com uma das primeiras pesquisas relacionada a Teatro inclusivo voltado para surdez.

Para que tal feito fosse possível, precisei traçar alguns objetivos específicos como: explicar a importância do professor de Teatro aos surdos, analisar o desenvolvimento do surdo na prática do Teatro; criar, adaptar e registrar métodos de ensino, jogos e as dinâmicas teatrais para melhor compreensão dos alunos.

A metodologia de pesquisa utilizada é o estudo de caso. O método estudo de caso segundo ROUXE (2006), “enquadra-se como uma abordagem

qualitativa e é frequentemente utilizada para coleta de dados na área de estudos organizacionais”.

Minha meta desde o princípio foi aprender como melhor ensinar teatro aos surdos, para isso me dispus envolver com essas pessoas para poder experimentar (metodologias), coletar informações, e a partir dessas experimentações poder desenvolver materiais que possam ser útil em casos semelhantes.

Isto faz com que esta pesquisa se enquadre nos três aspectos relevantes desse método, conforme ROUXE (2006), a saber: a natureza da pesquisa, enquanto fenômeno a ser investigado, o conhecimento que se pretende alcançar e a possibilidade de generalização de estudos a partir do método.

Quanto ao modo de registro de dados e informações dessa, constitui-se de forma mais simplificada possível, tendo em vista as pessoas que futuramente queiram utilizar estes levantamentos, como professores de teatro ou pessoas conhecedoras de teatro, para que possam compreender com facilidade os jogos criados ou adaptados, metodologias e as indicações das principais complicações que poderão enfrentar ao trabalhar teatro com os surdos.

Fiz anotações, vídeos e fotografias das aulas no decorrer do projeto, sempre buscando registrar o desenvolvimento dos alunos, como o que funcionou bem ou não com eles, dificuldades e facilidades, tentando identificar a razão de ambos para adaptar melhor os jogos, exercícios e metodologias de ensino para a próxima aula. E assim as transformei em material.

Nos dois cadernos estão jogos, exercícios e metodologias acompanhados de fotos para que o leitor compreenda inteiramente a descrição dos mesmos, possa fazê-lo assim como os surdos, de modo que estes compreendem melhor ao visualizar as imagens. Cada jogo possui detalhes explicativos como: **Informações**, onde está contido a origem do jogo ou exercício, se foi uma adaptação ou criação pessoal; **Participantes**, que descreve a partir de quantas pessoas o jogo ou exercício pode ser realizado; **Material**, refere-se a lista de material utilizado para a execução do jogo ou exercício e **Objetivo**, que é a indicação da finalidade do jogo. Além de um ‘OBS’ no final de cada um, que contém de forma resumida minhas observações sobre o resultado do jogo ou exercício.

Foi a maneira que encontrei para contribuir enquanto formando para a Comunidade Surda, Universidade, e meus colegas professores de teatro, seguindo os ensinamentos de Boal: “ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la.”, é minha

maneira de tentar transformar um pouco a realidade que observo na perspectiva da carência de professores que se formam pensando em ensinar teatro à pessoas com deficiência.

Meu desejo é que as pessoas vejam esta iniciativa como um incentivo, para que talvez possam fazer algo parecido ou pelo menos comecem a pensar sobre esse assunto, já que, o teatro é uma área que tem um poder enorme de alertar, debater questões políticas e dar voz a quem precisa. É importante que nós comecemos a pôr em nossos objetivos, enquanto professores de Teatro, dar esse poder as pessoas com deficiências.

CAPITULO I:

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO TESLIBRAS

Nesta sessão farei uma apresentação do projeto de extensão TESLIBRAS pois, foi através dele que tive a oportunidade de realizar este estudo, por ser um projeto que faz aproximação entre Teatro e Surdez, com objetivo de levar a prática do teatro aos surdos. Além de ser uma iniciativa que me inspirou muito a seguir está pesquisa, o projeto conta com a figura da professora surda, conhecedora da carência de inclusão do teatro aos surdos na cidade de Belém, ela busca transformar essa realidade, e dar mais visibilidade, autoestima e importância aos surdos.

O Projeto de Extensão TESLIBRAS (“TE” TEATRO, “S” SURDO, “LIBRAS”) foi criado no ano de 2016 pela Professora Uisis Paula da Silva Gomes, que assume o posto de coordenadora do mesmo. Este projeto tem como título: “Teatro Surdo: A Difusão da LIBRAS em Uma Perspectiva Cultural” na primeira versão, é vinculado à Escola de Teatro e Dança da UFPA - ETDUFPA, mas o campo de execução é a Escola Especializada UEES Professor Asterio de Campos onde pode oferecer o ensino de teatro ao máximo de 25 alunos surdos em uma vez por semana.

O objetivo geral do mesmo é: desenvolver ações inclusivas por meio do teatro com o uso de LIBRAS e da literatura surda culminando com a apresentação de um espetáculo, no teatro Claudio Barradas e em outros espaços de produção cultural de Belém.

Tendo como objetivos específicos: apresentar a importância da literatura para que os surdos sintam a importância de produzir ou apresentar suas ideias em peças teatrais; ensinar as noções básicas das técnicas teatrais aos surdos; Ensinar os sinais padrão da LIBRAS (para o uso no teatro) e suas peculiaridades, como classificadores, expressões faciais e corporais, mímicas e pantomimas; destacar o poder e identidade da cultura surda por meio de apresentações dos surdos; contribuir para a autoestima dos surdos; pesquisar as metodologias do ensino de Teatro diferenciado voltado à educação dos surdos; difundir os resultados finais à sociedade sobre as metodologias de ensino de teatro aos surdos.

De acordo com a coordenadora o projeto surge através de sua percepção sobre a comunidade surda na sociedade, ela nota que é necessário ampliar o ensino a comunidade surda, pois o histórico de exclusão social praticado a estes sujeitos influencia a sensação de sua invisibilidade, sendo assim as experiências artísticas podem contribuir com a visibilidade e inclusão da cultura nessa comunidade, além de contribuir para novas pesquisas nas áreas da linguística, como também para a cena artístico-cultural de Belém.

Seguindo os pensamentos do Autor Augusto Boal (2007;2008), que diz:

“O teatro carrega consigo o sentido esse sentido de olhar para si estar as vistas do outro, oferecendo oportunidades políticas e educacionais para os sujeitos praticantes, já que, envolto nesse processo, é impossível repensar a si mesmo, conhecer-se e transforma-se, ao mesmo tempo em que também se opera mudanças do olhar de quem assiste.”

A docente completa dizendo que neste projeto, o teatro é, portanto, uma estratégia de inclusão cultural a pessoa surda, dando visibilidade a sua língua materna e ao seu modo de produzir arte, tão arraigado em seu modo peculiar de viver, que necessita e deve ser afirmado como ação educacional e artística que se posiciona contrariamente ao excludente estereótipo social.

Por fim a apresentação da metodologia dessa extensão que é a seguinte: A pesquisa será de cunho teórico aplicada de estudo transversal, quantitativo e qualitativo, abrangendo as pessoas surdas de qualquer tipo de grau de surdez. Na primeira fase, a pesquisa será a revisão bibliográfica para entender e reconhecer o desenvolvimento da pessoa surda no teatro e discutir quais estratégias do ensino diferenciado aos surdos. Com levantamento bibliográfico, discutiremos quais conteúdos devemos ensinar aos surdos para que os alunos possam aprender e ter base para produzir depois.

Na segunda fase, colocar as práticas de metodologias do ensino diferenciado do teatro para surdos e observar quais são os melhores possíveis para colocar os dados da pesquisa.

Na terceira fase, apresentar os resultados artísticos à comunidade artística e publicar o conhecimento produzido sobre o processo.

Os motivos da minha pesquisa se assemelham muito com os princípios e objetivos desse projeto, como eu disse antes ele me inspirou muito. Assim como a Professora Uisis, também acredito que o teatro possa ser de grande importância para a vida e cultura dos surdos, pode ser a arma eficiente que o autor Boal fala. No entanto, há um diferencial entre minha pesquisa e essa extensão, que está no fato de eu buscar contribuir além da comunidade surda, para os professores e futuros professores de teatro com o material produzido, que poderá ser-lhes útil caso estes enveredam por esse mesmo caminho de ensinar teatro aos surdos ou recebam surdos em suas turmas de ouvintes.

Fiz uma entrevista com coordenadora do projeto em busca de conhecer mais os princípios da criação do mesmo, seus sentimentos enquanto professora de Libras no curso de Teatro e seus pensamentos referentes a esta pesquisa descrita a frente:

01) Como se sente dando aula para uma turma ouvinte do curso de teatro?

UISIS: - Sinto que preciso ter paciência e preciso fazer sinalizar devagar para que a turma possa entender. Vejo o ouvinte que é igual a mim porque somos humanos, temos as nossas dificuldades e limitações, isso é normal. Percebo que os ouvintes ficam com medo de não conseguir se comunicar comigo no início. Após o convívio nas aulas, se acostumam e conseguem se comunicar de qualquer forma, com sinais, escrita ou leitura labial. Não me sinto limitada ou com dificuldades diante dos ouvintes, cresci no meio de ouvintes, sei como posso fazer estratégias de comunicação.

02) Visando o que você elaborou o projeto TESLIBRAS?

R: Elaborei o projeto para que os alunos do curso de Licenciatura em Teatro possam se interessar em trabalhar com o ensino adaptado aos surdos, criar suas metodologias, suas estratégias de ensino, usando os sinais básicos.

03) Você acredita ter alcançado seus objetivos que fizeram você elaborar o projeto, por que motivo?

R: Sim, acredito, porque os alunos têm grande inteligência e tem maior percepção para criar as estratégias de ensinar para chegar aos objetivos do projeto.

04) O que você sente quando ver eu um aluno seu ouvinte, ministrando aulas de teatro para surdos do seu projeto?

R: Sinto que ele estava com dificuldades de comunicação, no início, estava um pouco agoniado por não ser fluente em LIBRAS e eu permito que ele se sinta em meio a comunidade surda, com alunos surdos do Projeto para se esforçar na comunicação. Acredito que ele possa evoluir com os sinais e com a criatividade de ensino adaptado com o contato com as pessoas surdas.

05) Qual a sua opinião a respeito da minha pesquisa? Acha que realmente irá contribuir a comunidade surda?

R: A sua pesquisa está sendo essencial. O registro das aulas adaptadas aos surdos contribuirá tanto com os licenciandos e licenciados com informações novas. Também contribuirá com a comunidade surda para que os surdos possam entender e conhecer o mundo teatral como base, perceberão que podem trabalhar com o teatro.

É notório o quanto as respostas da professora Uisis se parecem com este projeto, o que é simplesmente explicável, pois este projeto é um dos primeiros frutos dos seus desejos, quando ela diz na segunda sua resposta: *“Elaborei o projeto para que os alunos do curso de Licenciatura em Teatro possam se interessar em trabalhar com o ensino adaptado aos surdos, criar suas metodologias, suas estratégias de ensino, usando os sinais básicos.”* É exatamente o que busco fazer, testar meios de como melhor trabalhar teatro com os surdos o que só se torna possível após experimentar de forma prática para entender qual a reais dificuldades e aprender como solucioná-las.

Professora Uisis acompanhou processo prático com os surdos, suas respostas me deixaram extremamente feliz pois, percebi que contribuir para seu projeto de extensão, e os registros dessa experiência podem iniciar outros trabalhos voltados para esta situação além como fala professora Uisis afirma em sua última resposta: *“A sua pesquisa está sendo essencial. O registro das aulas adaptadas aos surdos contribuirá tanto com os licenciandos e licenciados com informações novas. Também contribuirá com a comunidade surda para que os surdos possam entender e conhecer o mundo teatral como base, perceberão que podem trabalhar com o teatro.”*

Ainda nesta última resposta a professora finaliza com a seguinte frase “perceberão o que podem trabalhar com o teatro” e foi exatamente o que busquei lhes oferecer, mostrar

um novo meio de compreensão da realidade e de intervenção nela, com a soma de uma nova linguagem, pois de acordo com BOAL:

O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, *uma nova forma de reconhecer a realidade*, e de transmitir aos demais esse conhecimento. *Cada linguagem é absolutamente insubstituível*. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. Isto é, a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la (BOAL, 1988 P.137).

A entrevista foi feita após o término do projeto, e tem como retorno respostas que expõem um resultado positivo pela criadora do projeto e que também é surda, o que só afirma meus pensamentos de que é um trabalho que deve continuar a ser feito, pelo poder que tem de transformar pensamentos, situações, e realidades, nós professores e futuros professores não podemos negar aos surdos essa possibilidade pelo fato de ser um trabalho mais delicado, é como diz BOAL (1988, p.139) “o teatro é uma arma e o povo é quem deve maneja-la.”. E todo o povo independente de suas limitações.

1.1 CAMPO DA OBRA EM ESTUDO

Neste tópico está contido a contextualização do local onde realizo esta pesquisa, os dias de encontros, duração, espaço, número de participante, idade e frequência dos surdos, faz uma breve descrição sobre as circunstâncias de como aconteceu essa coleta de material.

Os surdos que participam das aulas de teatro têm a idade que varia de 17 a 40 anos e alguns deles não são alunos da escola, ficaram sabendo do projeto através dos surdos que participam, e passaram a frequentar também.

O espaço onde ministro as aulas é uma sala usada para atividades práticas, aulas de dança e de educação física, a mesma possui espelhos na parede de fundo, o que serve muito bem para aulas de teatro, pelo tamanho que é proporcional para execução dos exercícios e jogos dramáticos.

O projeto TESLIBRAS, quando foi elaborado tinha em vista o número de 25 alunos, houve dias que atingiu essa quantidade quando vieram turmas de surdos de outro curso ou escola, mas a quantidade de surdos que participam frequentemente é de 6 a 8 alunos.

Os encontros são feitos uma vez por semana, as sextas feiras, das 14:30 as 17:00 horas, mas algumas vezes não foi possível passar atividades por ter um número muito pequeno de surdos, em virtude de ser nas sextas e os surdos viajarem bastante, ou quando

tinha um determinado evento sobre surdez. Ainda assim muitas vezes prossegui com a aula apenas para 2 ou 3 surdos.

A frequência instável complicou um pouco o processo de montar um resultado, pois ministrava os jogos e exercícios dramáticos já como preparação para a construção do exercício cênico final, no entanto foi difícil manter o desdobramento das aulas em fases crescentes já que, como dito haviam surdos que vinham de fora do Astério, e em outras vezes apenas eles estiveram em sala então precisei alterar meu plano e voltar para aulas iniciais.

Além de mim tiveram mais dois estagiários que acompanharam o projeto e assumiram algumas aulas como regentes, mas atuaram na maioria das vezes apenas como observadores, me dando apoio quando estive dirigindo as aulas, o que fiz desde que o meu ingresso no TESLIBRAS. Assumi o comando das aulas com a supervisão da Uisis, que sempre esteve presente supervisionando meus planos e métodos em sala, dando orientações e suporte.

A grande maioria dos surdos que participam frequentemente não tiveram contato com a prática do teatro antes do TESLIBRAS, então tive que iniciar desde o básico tentando trabalhar da forma mais simples as técnicas teatrais, evitei me aprofundar na parte mais teórica, pelo fato de não ter o domínio necessário dos sinais, porém explicava seus princípios de forma prática com exemplos.

O que pude perceber é que os surdos desde início se dispuseram a fazer todas as ações que ministrei mesmo sendo algo diferente do seu dia a dia, eles abraçaram o teatro, e a cada aula mostram um crescimento surpreendente, os que compreendiam mais rápido explicavam aos demais, e assim foram se desdobrando as aulas, um incrível processo de troca, eu apresentava o teatro a eles, e eles me ensinavam sua língua materna e sua cultura.

CAPITULO II:

PRÁTICA COM OS SURDOS E PRODUÇÃO DE MATERIAIS:

Neste capítulo exponho minha vivência com os surdos, todo material que consegui produzir a partir de experimentações, estão contidas as metodologias de ensino que usei, os jogos e exercícios dramáticos que criei e adaptei, conjuntamente com as principais dificuldades que encontrei as quais originaram a criação e adaptações de

métodos jogos e exercícios teatrais, organizados de forma que possa ser compreendido pelo leitor facilmente, com fotografias e observações.

Em minha primeira visita a escola Professor Asterio de Campos pela primeira vez, tive uma sensação de estar em um outro país, a situação havia se invertido, é como disse Claudia Gomes* ao também visitar a Escola Astério "aqui eu sou a surda" eu estava sendo o surdo naquele meio, visto que a língua majoritária naquele local é Libras, não consegui acompanhar os diálogos pela velocidade em que os surdos usam os sinais.

Com a consciência de que não teria um interprete em sala minha ânsia permanecia com tudo, de certa forma eu preferi assim, já com o pensamento de que em outras escolas provavelmente não teria a presença de um tradutor, sendo assim minha experiência seria mais proveitosa se não tivesse um no momento, e as metodologias que eu desenvolvi ali teriam mais chance de funcionar em outros locais também.

Muitas coisas se passavam em minha cabeça, me encontrava bastante tenso, queria fazer com que a minha primeira aula com os surdos funcionasse, sentia receios de não agradar com as atividades as quais havia preparado e assim fizesse com que os surdos perdessem o interesse em praticar teatro, minha ideia era buscar a melhor forma possível para que eles se sentissem atraídos por aquela aula e voltassem na próxima cheios de energia.

Na elaboração do meu plano de aula, busquei me basear nas metodologias de Viola Spolin, e usar os jogos teatrais e seu modo de media-los. Apliquei uma junção das metodologias de Viola às minhas contribuições de forma que pudessem ser jogado pelos surdos para esta iniciação.

Meu plano era propiciar uma primeira aula, onde os surdos pudessem se sentir à vontade para jogar, usar sua criatividade e espontaneidade, e aprender através dela. E segundo o autor jogo teatral oferece exatamente isso:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessário para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar, as habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda estimulação que o jogo tem para oferecer_ é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta a recebê-las. (SPOLIN, 2010. p.4)

* Membro do corpo docente da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA); Licenciada em Pedagogia, Mestrado em planejamento, ambos pela UFPA: Doutoranda em História da Educação, Universidade Aveiro em Portugal.

Após o final da primeira aula percebi que precisaria mudar e pensar diversas coisas para a próxima, e foi a prática que me mostrou estes obstáculos que não havia percebido na elaboração do plano de aula, então comecei a estudar as principais dificuldades que tive, visto que a partir delas desenvolvi as metodologias e adaptações, sendo assim coloco estas dificuldades também como material colhido da pesquisa, essencial para o planejamento das atividades desenvolvida nas aulas com os surdos, é do que se trata este tópico.

2.1. PRINCIPAIS DIFICULDADES:

Achei importante explicar sobre as principais dificuldades antes de descrever os jogos, exercícios e metodologias em virtude de ter me deparado com essas dificuldades ao iniciar a prática com os surdos, delas originaram-se as adaptações e criação de materiais. Deste modo este tópico servirá de contextualização para os próximos.

Quando trato das dificuldades refiro-me a todos os obstáculos que enfrentei tentando encontrar maneiras para melhor ensinar teatro aos surdos, mesmo sendo um ouvinte com apenas uma base carente em Libras. Desta forma, resolvi listar os impasses mais relevantes para que possa servir como um guia de planejamento para outros que assim como eu visam desenvolver o mesmo trabalho, e a partir dessas dificuldades elaborar um plano de aula, que consiga amenizar essas adversidades.

Citarei também as medidas que tomei para solucionar as mesmas, pois como disse antes foi por meio desses apertos que surgiram as metodologias, exercícios e jogos adaptados.

A explicação de teorias tornou-se uma das primeiras barreiras que tive que ultrapassar, se de fato é difícil se comunicar com os surdos sem compreender Libras imagine o grau de dificuldade de explica uma linguagem nova a qual nunca ouviram falar ou ouviram muito pouco.

Faço uma analogia que para melhor detalhar a situação: seria como ensinar algo típico paraense como a dança de Carimbó, teoria e pratica, a um japonês que nunca tivesse vindo à região norte do Brasil, além de lidar com outro idioma, muitas palavras que usamos aqui eles não usam no Japão, teríamos que tentar ensinar uma palavra nova e

tentar explicar o que significa através de aproximações com as palavras ou expressões que utilizam lá no seu país.

Nesta comparação, o Carimbó é o teatro e os japoneses como os surdos, contudo os japoneses dessa ilustração conseguem ouvir o que se torna um recurso a mais na compreensão do assunto, mesmo que os idiomas fossem diferentes dos surdos.

Na elaboração do primeiro plano de aula já pensava em como faria para explicar os conteúdos, minha mestra me deu algumas dicas de usar bastante imagens e exemplos, sempre anteceder com exemplificações me ajudou bastante, adotei este conselho às minhas metodologias e realmente funcionou.

Decidi que não iria trabalhar os princípios do teatro tais como: surgimento, trajetória, gêneros e etc. em aulas totalmente teóricas, seria muito dificultoso para eles entenderem, e para eu ensinar por eu não saber muitos sinais.

Minha estratégia foi ensinar por partes, em cada aula fiz uma breve explanação sobre o que viria a ser trabalhado, sua importância para a cena teatral, de onde ou porque surgiu, deixando as teorias teatrais mais complexas para o remate do estágio, quando eu já me imaginava com uma fluência maior pela vivência com os próprios alunos.

Para elucidar o comando, regras dos jogos e atividades lúdicas, desenvolvi estratégias “professor ator e aluno intérprete” que descreverei no capítulo seguinte. Dessa maneira consegui diminuir as barreiras da explicação de conteúdos e tornar as aulas mais simples e precisas aos alunos.

Além da dificuldade na comunicação, outro contratempo com o qual me deparei ocorreu no momento da ministração da primeira dinâmica na qual os alunos precisaram ficar em movimento pela sala. O empasse se deu porque a maioria dos jogos e exercícios teatrais são mediados por comandos de voz, o que requer dos praticantes o sentido da audição para que no momento da caminhada pela sala, ouçam a regência e rapidamente a recebam não importando a posição que estejam.

Já os surdos, só podem receber esses comandos por meio da visão, desta maneira, se tornou complicado dirigir as atividades em que os surdos deveriam ficar se locomovendo pela sala, principalmente quando se tratava de um exercício que necessita de reação rápida e movimento pelo espaço, a maioria dos praticantes, não percebiam o

sinal ou gesto de ouvinte que eu estava fazendo por estarem de costa, olhando para uma outra direção, ou percebiam com um certo atraso, por esse motivo, acabava comprometendo negativamente o trabalho que estava propondo por via da ação aplicada.

Para tentar sanar esta complicação precisei pensar em meios de ministrar as práticas que atendessem a necessidade de percepção visual dos surdos, que se consolidou em um sistema chamado *Mediador em Movimento*, que será apresentado no próximo subcapítulo.

O relaxamento é uma técnica muito utilizada pelos professores de teatro, utiliza-se antes de cada prática lúdica a fim de trabalhar o fluxo de energia e a consciência corporal. Aprendi no curso que um dos os mais cruciais é aquele que os alunos deitados e com os olhos fechados e sob as *orientações do mediador* (por voz) deviam imaginar algo ou focar em uma parte do corpo, assim como perceber a respiração e etc.

Minha indagação durante quase toda minha participação nesta extensão foi como desenvolver um relaxamento que não precise manter os olhos fechados ou tampouco oriente os alunos deitarem, visto que ambos os casos seriam embaraçosos, pois a visão estaria comprometida ao fecharem os olhos ou se os mantessem abertos a visão estaria focada para o teto. Para me verem, teriam que inclinar a cabeça para minha direção, tencionando assim o pescoço, ou eu poderia caminhar em meio a turma para dar instruções de um por um, o que levaria bastante tempo comprometendo todo restante da aula.

Próximo as aulas finais consegui desenvolver exercícios que fizeram bem a função de relaxamento, os exercícios números 16 e 26, localizados adiante no caderno de jogos e exercícios teatrais. Notei que os alunos ao praticarem esses exercícios demonstraram uma mudança no fluxo de energia no corpo, pareciam bem menos agitados, e concentrados no espaço e ação.

Mais um desafio relevante a citar é que os surdos não conhecem um grande número de palavras, da mesma maneira como não conheço todos os sinais de Libras, uma larga parte dos surdos não são familiarizados com algumas palavras e seus significados, e isso se intensifica quando se trata das palavras existentes no campo teatral, por a sua grande parcela não ter contato com o referido.

Além disso, muitas palavras existentes na língua portuguesa não possuem sinais em Libras que as representem, quando me deparei com algumas delas, por exemplo, “personalidade”, eu precisei providenciar saídas para tal impasse, uma delas foi o procedimento 02 - Professor Ator. E o outro meio foi explicar brevemente através de slides com imagens o objeto abordado.

Estas foram algumas das complicações mais significativas, que devem ser consideradas na elaboração de um plano de aula, uma vez que, podem alterar de forma significativa sua execução se não forem ponderadas.

2.2 METODOLOGIAS DE ENSINO CRIADAS:

Nesta sessão está a lista de métodos, meios desenvolvidos para melhor ensinar teatro aos surdos, que surgiram a partir das dificuldades de comunicação com os surdos, pelo fato da maioria dos jogos e exercício teatrais, existente, ser criada por ouvintes os comandos são dados por meio da voz. Então, experimentei modos de ensinar os jogos, exercícios e teorias teatrais dando ênfase na visualidade, pensando na visão como receptor de informação, são esses esquemas que descrevo abaixo que intitulei de “Caderno de Metodologia”.

CADERNO DE METODOLOGIA

2.2.1 – 01 O PROFESSOR-ATOR

O Professor-Ator é uma metodologia que desenvolvi para explicar, técnicas teatrais e exercícios através de exemplos práticos, o mesmo surge através das dificuldades que encontrei em explicar técnicas ou exercícios dramáticos aos surdos utilizando apenas os sinais, já que, a maioria deles não tinha contato com o Teatro.

Encontro inúmeras dificuldades durante essa experiência, dentre elas a mais delicada: explicar elementos do campo teatral, primeiramente por eu não possuir uma fluência em Libras e segundo pelo fato de que os surdos não conhecem muitas palavras utilizadas neste meio ou por estas não possuírem ainda sinais referentes, por exemplo, a palavra “personalidade” não possui sinal. Um outro exemplo que posso dar é a técnica Teatral chamada pausa dramática, a qual se tornou difícil de explicar apenas através de

sinais, foram coisas que tive que explicar de forma prática me pondo como ator e mostrando exemplos, para que eles pudessem ter uma noção do que eu estava falando.

Para explicar o que era personalidade soletei a palavra usando o alfabeto manual de Libras, então pedi ajuda a professora surda Uisis para desenvolver um sinal para ser usado para representar essa a palavra. Coloquei-me em cena, representando um professor! Executei uma breve cena que foi: entrar em uma sala de aula cumprimentar os alunos os quais usei os próprios surdos, sentar na cadeira e pedir para que começassem a atividade. Fiz a mesma cena três vezes representando três professores cada uma com uma personalidade, um bravo bastante sério, um bonzinho descontraído, e um bem frio, e no final perguntei se haviam percebido diferença entre os três, e eles responderam sim, então expliquei que isso se chamava personalidade, esclareci também que as pessoas e personagens possuem personalidades diferentes, e é necessário adicionar essas personalidades no momento da construção dos personagens.

E fiz o mesmo para explicar o que era pausa dramática (pequena pausa onde o ator deixa a plateia em suspense sobre sua próxima ação ou palavras) executei uma cena em que eu utilizava a pausa dramática, e depois repeti apenas aquela parte da cena e expliquei o que era, e juntei os sinais de “parar” e de “teatro” e utilizei como a representação da palavra Pausa Dramática.

O professor ator funciona também na explicação de exercícios dramáticos mais complexos, onde o professor executa o exercício que deseja trabalhar de forma breve e real, assim os surdos entendem melhor a intenção do exercício, já que assim surgiu esse método, o qual acredito que se torna um facilitador enorme nas explicações, acredito que através dele é possível conseguir um bom resultado nas explicações. Os surdos têm um poder de observação muito grande, conseguem entender rapidamente quando transformamos as coisas em imagens. E foi isso que busquei fazer através desse procedimento.

2.2.2: -02 MEDIADOR EM MOVIMENTO

O mediador em movimento é uma forma que criei para facilitar o ensino e aprendizagem de jogos e exercícios teatrais.

Como o próprio nome diz, este é um modo de ensinar os jogos em que o mediador conduz os jogos e exercícios em movimento pela sala em meio aos surdos, pois

diferente dos ouvintes que possuem audição e visão para receber os comandos dos coringas nos jogos e exercícios, os surdos possuem apenas a visão como receptores de comandos, quando se trata de um jogo ou exercício em que exige a movimentação pela sala torna-se difícil a comunicação entre o coringa e os surdos. Portanto, para que todos percebam o próximo comando seria necessário parar o jogo, para que todos observassem o comando ou o coringa haveria de pedir para que olhassem sempre para o local onde ele está posicionado, o que faria com que ficassem presos a essa tarefa e isso acabaria comprometendo o sucesso do jogo ou exercício.

Em vista disso criei a metodologia Mediador em Movimento, onde o mediador passeia em meio as atividades ditando os comandos, utilizando sinais ou o corpo como transmissor do comando fazendo com que a mensagem chegue a todos rapidamente sem que esses possam se distrair da atividade olhando para um ponto específico. O ideal para o melhor aproveitamento desse sistema é que o coringa use o corpo como transmissor, transformando o próximo comando em ação para que os surdos percebam e executem rapidamente.

2.2.3: - 03 SURDO-INTÉRPRETE

É uma metodologia de ensino onde alguns surdos colaboram com o professor na explicação de exercícios dramáticos, jogos e assuntos teóricos para os colegas que não entenderam o que estava sendo explicado pelo professor ou entenderam errado.

Este recurso surgiu a partir de observações que fiz em sala, diversas vezes notei que quando estava explicando algo que um ou dois surdos demonstravam não entender sempre um surdo que já havia entendido se dispunha a explicar àquele que não tinha entendido. Algo parecido acontecia quando eu soletrava uma palavra que eu não sabia o sinal usando o Alfabeto Manual da LIBRAS, algum surdo sempre me mostrava o sinal da palavra.

Então passei a valorizar isso, e pedi para que os surdos ajudassem a explicar aos que não haviam entendido, passei a perguntar-lhes diretamente os sinais que eu não conhecia, e se tornou um modo de ensinar que facilitou muito minhas explicações.

Organizei esse sistema e o chamei de “Surdo Intérprete” o qual funciona da seguinte forma: quando o professor não está conseguindo fazer com que alguns alunos entendam sua explicação como sobre regras de um jogo, exercício dramático ou um

determinado assunto teórico, ele deverá perguntar a toda turma quem entendeu por que assim como em turmas de ouvintes, há aqueles que compreendem mais rápidos que os outros, então o professor deve pedir que um dos alunos que entenderam explique aos que não conseguiram entender, dado que com sua experiência no uso de LIBRAS será fácil fazer com que os demais entendam o que está sendo explicado.

Mas o professor deve ficar alerta e perceber se o aluno que está fazendo a colaboração realmente entendeu para que este não explique de forma errada aos demais, caso isso aconteça ele deve interferir e retomar a explicação ou pedir a um outro aluno que tenha realmente entendido a explicação.

A metodologia Surdo Interprete funciona também desse modo: caso o professor precise usar uma palavra a qual não sabe ou não pesquisou o sinal, ele deve soletrar a mesma usando o Alfabeto Manual de Libras, e perguntar para os surdos qual o sinal da palavra, caso essa palavra possua sinal e eles conheçam, então eles irão ensinar ao professor para este não ficar soletrando-a toda vez que precisar usa-la.

É uma metodologia que pode facilitar bastante a vida de pessoas que como eu ensinam teatro à surdos sem ter uma fluência em libras e conhecedoras apenas do básico, isso faz com que aprendamos novos sinais e não percamos tanto tempo tentando explicar algo complexo, ou soletrando uma palavra diversas vezes na aula.

É importante alertar também que essa metodologia não deve ser utilizada de modo pleno, em que o professor deixe todo o trabalho de explicar nas mãos dos alunos, e sim uma metodologia que seja usada quando necessário para tirar dúvidas sobre sinais, pequenos esclarecimentos e colaborações na explicação como exponho acima.

2.3 JOGOS E EXERCÍCIO TEATRAIS CRIADAS E ADAPTADAS:

Neste tópico está a lista de jogos e exercícios teatrais que criei e adaptei a partir da experiência em sala com os surdos que intitulei de “Caderno de Jogos e Exercícios Dramáticos”, no qual cada jogo e exercício dramático possuem:

Informações: que se refere a origem do jogo ou exercício; **Participante:** é indicação no número de surdos, a partir de quantos surdos o jogo ou exercício pode ser feito; **Material:** se refere aos materiais usados no jogo ou exercício; **Objetivo:** é a finalidade do jogo ou exercício, o motivo pelo qual o jogo ou exercício foi criado ou

adaptado e a **Descrição**: como o nome já diz é a descrição de como realizar o jogo ou exercício dramático.

Após a descrição de cada jogo e exercício possui um “OBS” que são minhas observações e resultados que obtive quando ministrei o jogo para os surdos, de forma bem resumida. E por fim uma foto real (autorizada pelos surdos presentes) do jogo ou exercício descrito em execução.

Os jogos e exercícios os criados e adaptados que compõe o caderno a baixo foram mediados utilizando como base as metodologias de Viola Spolin (2001;2010), da qual dou ênfase na divisão de jogadores e plateia, improviso e foco nos jogos.

Busquei fazer com que todos os alunos praticassem as atividades ativamente, respeitando os limites de cada um que segundo Viola (2001) é o desafio do professor “O desafio para o professor ou líder é ativar cada aluno no grupo respeitando a capacidade imediata de participação de cada um.” (SPOLIN, 2001, p.9). Procurei está sempre os ativando e pedindo para que mantivessem o foco nos jogos que estavam sendo jogados.

CADERNO DE JOGOS E EXECÍCIOS TEATRAIS

1. **Pira Basquete:**

Informações: Jogo de criação pessoal.

Participantes: A partir de 3 ou mais surdos.

Material: Uma bola.

Objetivo: Exercitar a atenção, trabalho em equipe, movimentação no espaço, e aquecimento corporal.

Descrição do jogo: Os jogadores caminham pela sala, um é designado a “mãe”, esse deve tocar em um jogador com a bola, ou pegá-la para que possa trocar de lugar com o mesmo, o jogador que recebe a bola deve passar para outro jogador, fazendo a bola quicar no chão antes de chegar às mãos do destinatário e antes que a “mãe” toque nele, se a mãe conseguir tocar no jogador que possuía bola, ou pegar a bola quando um jogador estiver passando para outro, esse jogador passará a ser a “mãe” e a “mãe” passara a ser um dos outros jogadores que carregam e passam a bola. Os jogadores quando receberem a bola não podem deixa-la cair no chão ou passarão a ser a mãe, todos devem ficar em movimento no local. Objetivo é fazer com que a mãe permaneça sendo a mãe sem tocar em alguém ou pegar a bola.

OBS: O resultado obtido neste jogo foi satisfatório, os surdos se movimentaram bastante, se divertiram, usaram o espaço, pecaram apenas em alguns momentos, como não se conectaram visualmente com o outro surdo no momento de passar a bola, fazendo com que a bola passasse pelo destinatário sem ele perceber. Também observei que, a metade dos surdos cansaram rápido ao praticar esse jogo.



2. Prazer em te conhecer:

Informações: jogo de criação pessoal.

Participantes: 02 ou mais.

Material: Figuras impressas em papel com as expressões dos sentimentos.

Objetivo: Conhecer os nomes e sinais dos jogadores, e exercitar expressão corporal e facial.

Metodologia usada: Professor Ator

Descrição do jogo: Os jogadores devem formar duplas, o mediador da atividade sorteia para cada dupla um sentimento que pode ser alegria, tristeza, raiva, medo, nervosismo, frieza etc. Cada dupla deve ir a frente e apresentar seu nome seu sinal, e iniciar uma breve conversa, utilizando sinais de forma exagerada de acordo com o sentimento que receberam.

OBS: Neste jogo o resultado esperado foi obtido, no início os surdos limitaram a expressão de sentimentos apenas na face, mas, após os comandos para que levassem os sentimentos para todo o corpo e o usassem nos sinais passaram a jogar corretamente.



Exemplo de figuras utilizadas:



Imagens extraídas do Google Imagens.

3. O Homem que Copia.

Informações: Adaptação do exercício dramático ministrado pela Professora Larissa Latif*, no curso Licenciatura em Teatro da UFPA, turma de 2014.

Participantes: 02 ou mais.

Material: Nenhum material utilizado.

Objetivo: Aquecer o corpo e trabalhar com as formas diferentes de uso do corpo, que fujam do cotidiano.

Metodologia usada: Mediador em movimento.

Descrição do jogo: Os alunos caminham pela sala e recebem a tarefa de copiar vários modos de andar de pessoas e animais sugeridos pelo mediador do jogo, que deve circular pelo espaço junto com os alunos e demonstrando no seu corpo o próximo objeto que deve ser copiado pelos surdos.

OBS: o resultado esperado deste exercício foi obtido, os surdos conseguiram transformar seu corpo em diversas formas diferentes, tiveram momentos que os surdos dispersaram

* Larissa Latif Placido Sare, é atualmente professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA Formação: Doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA (2005)

devido ser um exercício descontraído, e acabaram fazendo brincadeiras, mas em seguida retomaram o exercício.

4. Onde estou?

Informações: Adaptação do jogo

Participantes: 02 ou mais.

Material: Telefone celular

Objetivo: Exercitar elementos importante do teatro como criatividade, expressões sentimentais através do corpo, improvisação, trabalhando esses elementos de forma divertida.

Metodologia usada: Professor ator e surdo interprete.

Descrição do jogo: Um surdo recebe um tema sorteado pelo mediador do jogo, de uma determinada situação ou local (Obs: precisa ser uma imagem impressa ou até mesmo em um celular, para que os surdos entendam rapidamente, poupando assim o mediador de longas explicações através de sinais) , por exemplo imagens: um enterro, pescaria festa, casamento e outros, o mediador mostra para um surdo sem deixar que o restante veja, o surdo vai até a frente e começa executar uma ação que tenha relação com o tema que recebeu, os demais sentados observam, assim que conseguirem compreender em que local ou situação o surdo a frente está representando, os demais precisam entrar na cena um por um, executar uma ação ou movimento que complemente a ação, a cena termina assim que todos estiverem em cena, o mediador escolhe outro tema mostra para um outro surdo e recomeça exercício novamente.

OBS: O objetivo desse jogo foi alcançado, os surdos conseguiram, identificar os locais, situações e mostraram muita criatividade no modo como se colocaram em cena para completar a ação, tiveram apenas alguns deslizes como alguns surdos que não conseguirão jogar com os demais em cena.



5. Passa a Bola

Informações: Jogo de criação pessoal.

Participantes: A partir de 04 jogadores até 25

Material: Bola pequena

Objetivo: Exercitar a agilidade, reflexos e a comunicação através do olhar e a concentração.

Metodologia usada: Surdo interprete.

Descrição do exercício: Os surdos formam um círculo e devem jogar duas ou mais bolas, dependendo da quantidade de surdos, precisam jogar essas bolas de um lado para outro do círculo, em diferentes níveis de velocidade buscando não deixar a bolinha cair no chão ou ficar parada por muito tempo na mão de um único jogador, para isso devem manter o foco na bola, estabelecer uma ligação no olhar do seu colega antes de jogar a bola. O ideal é que a bola seja pequena com o tamanho aproximado de uma bola de baseball.

OBS: este jogo teve um bom proveito quanto a atenção e agilidade, mas quanto a comunicação entre os surdos através do olhar não funcionou muito bem, a maioria dos surdos não estabeleciam uma ligação de olhar com o jogador que iria receber a bola, e muitas das vezes a bola acabou caindo.



6. Semáforo

Informações: Adaptação do jogo dramático, ministrado pelo professor Marton Maués no curso Licenciatura em Teatro da UFPA, turma de 2014.

Participantes: a partir de 02 jogadores

Material: Nenhum

Objetivo: Trabalhar o foco, percepção rápida através do olhar, e domínio de movimentação.

Metodologia usada: Surdo interprete

Descrição do jogo: São traçadas duas linhas a de saída e de chegada próximas as paredes opostas da sala. O mediador do jogo fica atrás da linha de chegada este será o semáforo, e os surdos ficam atrás da linha de saída próximo a parede oposta serão os carros, o mediador deve dar os seguintes comando como se fosse um semáforo, quando ele sinalizar verde os surdos devem caminhar, quando sinalizar vermelho devem parar ou permanecer parados.

O mediador deve também executar os sinais em diferentes níveis de velocidade e alternando de modo que dificulte a chegada dos jogadores até a linha de chegada, caso alguém avance quando o comando for vermelho deverá voltar a posição inicial. Ganha quem chegar primeiro até a linha de chegada que de ser feita próxima ao semáforo, termina o jogo quando passar o último jogador. (para que o jogo funcione o mediador deve desenvolver sinais parecidos e que possam ser executados rapidamente para representar o verde e o vermelho pois, os sinais oficiais dessas cores são diferentes e lentos para executar, não dariam o efeito de percepção rápida, igual o que a voz dá na versão para ouvintes.)

OBS: o resultado esperado foi obtido, os surdos tiveram um desenvolvimento bom, os erros que ocorrerem foram normais do jogo.

7. O guarda de trânsito

Informações: Adaptação do jogo dramático, ministrado pelo professor Marton Maués no curso Licenciatura em Teatro da UFPA, turma de 2014.

Participantes: A partir de 02 jogadores até 16

Material: Nenhum material utilizado.

Objetivo: Exercitar o foco, atenção e domínio de movimentação.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do jogo: Um surdo fica à frente de uma das paredes da sala virado de costas para a parede oposta, esse será o guarda, a partir dele deve ser feita uma linha (pode ser feita com chinelos e sapatos dos surdos), e o restante dos surdos ficam em uma formação de uma linha próxima à parede oposta, serão os carros, o guarda permanece de costas para os carros com o objetivo de manter os carros parados em suas posições, no entanto, pode olhar rapidamente para trás assim que suspeitar que os carros estão em movimento, caso ele consiga ver algum dos carros em movimento deve ordenar que esse volte à sua posição inicial, no entanto, se os carros tiverem avançado e parado em uma determinada posição sem que o guarda tenha visto, o guarda não pode ordenar que os carros voltem para a posição inicial.

O objetivo dos carros é ultrapassar a linha feita atrás do guarda sem ser visto, para isso devem manter o foco no guarda e andar e parar no momento certo, sem que o guarda veja-os em movimento.

OBS: o objetivo deste jogo foi alcançado, e os surdos mostraram um apreço enorme por esse jogo.



8. A foto

Informações: exercício de criação pessoal.

Participantes: A partir de 01 jogador

Material: Datashow, computador

Objetivo: Trabalhar o uso de expressões de sentimentos através do corpo, voltado para imagem cênica.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do exercício: Este exercício funciona da seguinte forma: escolha imagens de pessoas demonstrando expressões diferentes, medo, raiva, felicidade etc. apresente-as aos surdos em forma de slide em um Datashow, a tarefa será a seguinte: os surdos deverão ir até o centro da sala um de cada vez e imitar cada expressão como se estivessem pousando para uma foto utilizando expressão facial e corporal, sem imitar a pose da pessoa da imagem, representando a penas o sentimento expresso nela. O exercício termina quando todos estiverem representado as imagens escolhidas.

OBS: Este exercício teve um bom aproveitamento, os surdos conseguiram tornar visíveis em sua expressão facial e no corpo os sentimentos escolhidos. No entanto muitos deles tiveram dificuldade de criar suas próprias poses e acabavam copiando as imagens, mas após algumas indicações feitas por mim, chegaram ao resultado esperado.

Alguma das imagens usadas:



Imagens extraídas do Google Imagens.

9. Ação sentimental

Informações: exercício dramático de criação pessoal

Participantes: A partir de 01 jogador

Material: Datashow, computador, um objeto qualquer.

Objetivo: exercitar a expressão de sentimentos através do corpo.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do exercício: O mediador escolhe diversos sentimentos, pode ser escrito ou representado em fotos, (é preferível que seja por foto, pois alguns surdos podem não entender através da palavra escrita alguns sentimentos mais complexos) o mesmo sorteia

esses sentimentos aos surdos, e em seguida os surdos devem de um por um executar uma breve ação que é: entrar em cena pegar um objeto que foi posto no meio da sala (escolhido pelo mediador do jogo). Fazendo a seguinte marcação: o surdo deve entrar em cena caminhar em direção ao objeto, em seguida deve perceber o objeto, pega-lo, olhar para o público e sair, utilizando no corpo a expressão do sentimento que recebeu de forma clara. OBS: o resultado esperado foi alcançado, os surdos transmitiram bem o sentimento representado na ação a traves do corpo e da expressão facial, quanto aos erros tiveram poucos, apenas referentes a marcação da ação pois, alguns surdos esqueceram de olhar para o público ou pegaram o objeto diretamente sem dar ênfase no momento de percebê-lo como mandava o comando do exercício.



10. A notícia

Informações: Adaptação do jogo dramático ministrado pelo professor *Marton Maués

Participantes: 02 jogadores por vez

Material: Revista ou Jornal

Objetivo: Exercitar a comicidade e o jogo cênico de ação e reação.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do exercício: Em dupla os surdos devem fazer de conta que estão sentados em uma praça, um deles está lendo um jornal (pode ser utilizado um jornal de verdade um caderno um livro revista e etc.) enquanto o outro não está fazendo nada, apenas relaxando, o que está lendo encontra uma notícia triste e aos poucos começa a chorar, o

* Membro do corpo docente da universidade federal do Pará, Professor, ator e diretor de teatro, licenciado em letras/UFGA, especialização em arte e educação/PUC-MG, mestrado e doutorado em artes cênicas/UFBA e diretor do grupo palhaços trovadores.

que não fazia nada se sente incomodado e curioso com a situação até que o personagem que está chorando lhe mostra o jornal e ele também começa a chorar desesperadamente e aos poucos vão se recompondo e o surdo que não fazia nada ler o jornal enquanto o outro relaxa. O surdo que ler encontra uma notícia, muito engraçada e começa a rir muito, o que não fazia nada fica curioso até que recebe o jornal e começa a gargalhar freneticamente

(O mediador deve orientar para que os jogadores exagerem bastante no choro e nas risadas para que o jogo se torne mais cômico)

OBS: O resultado desejado deste exercício foi alcançado, os surdos conseguiram jogar com sua dupla, foram cômicos na execução do exercício, e desenvolveram bem o poder de ação e reação, algumas duplas começaram tímidas no início, mas foram se soltando no decorrer do exercício.



11. Serpente

Informações: jogo de criação pessoal.

Participantes: A partir de 04 jogadores.

Material: nenhum material utilizado.

Objetivo: Trabalho em equipe e aquecimento corporal.

Metodologia usada: surdo interprete.

Descrição do jogo: Segue as mesmas regras da brincadeira popular “PIRA” mas com a seguinte diferença: todos os surdos que forem pegos pela mãe devem segurar nas mãos da mãe, e do próximo que for pego e assim por diante, criando uma corrente, o que fará com que tenham que trabalhar em equipe para pegar os outros surdos, sendo que só pode colar os restantes dos surdos que ainda não foram pegos e a mãe que é a cabeça da

serpente, os demais que foram pegos formam o corpo da serpente e devem acompanhá-la e ajudando-a a pegar os demais surdos. Vence quem não for pego ou for pego por último! OBS: o resultado deste jogo foi satisfatório, os surdos se movimentaram bastante, se divertiram, o aquecimento corporal foi feito, quanto al trabalho de equipe que o jogo requer, funcionou, no entanto, os surdos tiveram dificuldade em conciliar seu ritmo e movimentos com os colegas que formavam a serpente.



12. O Espelho Corporal

Informações: este jogo não precisou ser adaptado para os surdos, se manteve na versão criada por Viola Spolin.

Participantes: A partir de 02 surdos

Material: Nenhum material.

Objetivo: Aquecimento corporal e instigar o poder ação e reação.

Metodologia usada: Professor ator e surdo interprete.

Descrição do exercício: Os surdos formam duplas: um fica de frente para o outro, um deles deverá fazer movimentos aleatórios e o outro terá de imitar como se fosse o seu reflexo em um espelho, após ter imitado por um certo tempo, deverão trocar, o imitador irá fazer os movimentos e o que estava fazendo os movimentos antes deverá imitar.

OBS: O objetivo do jogo foi alcançado, ouve bastante entrosamento entre os surdos quanto ao fazer os movimentos e acompanhá-los, mostraram está se divertindo bastante com o exercício, não notei dificuldade por parte dos surdos no momento da prática.



13. Colados

Informações: Adaptação de um exercício ministrado pela professora Iara Regina* no curso Licenciatura em Teatro da UFPA turma de 2014.

Participantes: A partir de 02 surdos

Material: nenhum material.

Objetivo: Aumentar a aproximação dos alunos quanto a afinidade entre os surdos através de colaboração, superação de obstáculos e aquecimento corporal.

Metodologia usada: surdo interprete e mediador em movimento.

Descrição do exercício: Este exercício é realizado também em dupla, os surdos deveram ficar colados um ao outro com sua parte lateral do corpo, ombro a ombro, e terão que fazer diversos exercícios como: andar pela sala, correr, pular deitar e etc. sem deixar que seus corpos se descolem. O mediador do exercício deve desenvolver gestos visíveis que representem andar, correr pular e deitar, e dar o comando em movimento junto com os alunos para que todos possam perceber rapidamente.

OBS: o exercício foi praticado, mas notei grande dificuldade na maioria dos surdos em conciliar um ritmo com seus parceiros, principalmente nos momentos de deitar e pular, acabavam rompendo a ligação dos corpos. Ainda assim o exercício funcionou.



14. Transformando o Objeto

Informações: Adaptação a partir de um exercício teatral ministrado pela professora Karine Jansei* no curso Licenciatura em Teatro da UFPA turma de 2014.

* Iara Regina da Silva Souza: é atualmente Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA, formação: Doutora em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro/Minho em Portugal. Mestra em Artes pelo Instituto de Ciências das Artes/UFPA.

* Ana Karine Jansen de Amorim é atualmente Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA, Formação: graduada em Direito pela Universidade Federal do Pará (1989), mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2004), e Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2008).

Participantes: A partir de 02 participantes.

Material: Diversos objetos, dos próprios alunos.

Objetivo: Instigar o raciocínio rápido e criatividade.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do jogo: Jogo em dupla, a equipe deverá escolher um objeto qualquer que pode ser de um dos dois surdos por exemplo: um sapato, caneta, garrafa caderno agenda etc. o propósito do jogo é usar o objeto de forma diferente como se fosse um outro com alguma semelhança, exemplo: usar uma agenda como se fosse um celular. Os dois surdos vão até a frente ou centro do círculo e farão as transformações, após o primeiro ter feito passará para seu companheiro que transformará o objeto, e devolverá para seu colega, que devolverá em seguida, o jogo possui um limite de tempo de 10 segundos para que o surdo que está com o objeto pense na próxima transformação, caso ele ultrapasse este tempo seu adversário é o vencedor (não há limite de tempo para que os jogadores usem o objeto após ter sido transformado), caso nem um dos dois ultrapasse o tempo o jogo segue até que o mediador pare o jogo e passe para a próxima dupla.

OBS: O resultado esperado foi alcançado, a grande maioria dos surdos apresentaram grande poder de criatividade e rapidez em transformar os objetos, se divertiram com a atividade, alguns surdos preferiram só observar no início com vergonha ou receio de travar na hora do jogo, no entanto, depois participaram normalmente.



15. Caminhada do Amor, Ódio e Amizade.

Informações: adaptação de um Exercício ministrado pelo professor Cesário Augusto* no curso Licenciatura em Teatro da UFPA turma de 2014

Participantes: A partir de 02 participantes

Material: Nenhum material usado.

Objetivo: Exercitar, técnica de improviso, jogo cênico e representação de sentimentos através do corpo.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do Exercício: Os surdos devem escolher um parceiro para fazerem três caminhadas de um canto para outro da sala, cada caminhada deverá ser feita utilizando um determinado sentimento de Amor, Ódio e Amizade, usando esses sentimentos um de cada vez, na caminhada deverão jogar com o seu parceiro exagerando bastante na representação dos sentimentos escolhidos até chegarem ao outro lado da sala sem utilizar sinais/LIBRAS. Ao chegarem até o outro lado da sala, é a vez da próxima dupla quando todos estiverem terminado a primeira caminhada, a primeira dupla recomeça com o próximo sentimentos, até todos terem concluído as três caminhadas. O mediador escolhe a ordem dos sentimentos a serem representados na caminhada.

OBS: Foi alcançado o resultado previsto, e também aconteceu algo muito interessante além dos surdos demonstrarem os sentimentos através do corpo eles improvisaram e contaram breves histórias.

16. Pessoa Especial

Informações: exercício de criação pessoal.

Participantes: A partir de 01 participantes.

Material: Uma cadeira.

Objetivo: Relaxamento e Concentração.

Metodologia usada: Surdo interprete.

Descrição do Exercício: os surdos ficam sentados em um semicírculo e colocam uma cadeira a frente de todos em seguida o mediador dá o comando para que os surdos imaginem uma pessoa especial na vida deles sentado na cadeira, essa pessoa pode ser um amigo (a), namorado (a), pai, mãe e etc. durante o exercício vou dando comando através

* Cesário Augusto Pimentel de Alencar: é professor efetivo, nível associado 2, da Escola de Teatro e Dança-ETDUFPA, Formação: bacharel pela universidade de Brasília (1995), Mestre em artes em arte teatrais pela University of Leeds (1997), e Doutor em artes performáticas pela University of Exeter (2003).

de sinais para que eles tentem imaginar os detalhes dessa pessoa como: cabelo, formato do rosto, olhos, sorriso, boca, corpo e outros. O exercício segue até que o mediador percebe que os praticantes estão concentrados e relaxados.

OBS: O exercício procedeu da forma esperada, a pesar da agitação e falta de concentração no início onde alguns dos surdos começaram a rir, aos poucos os surdos foram relaxando e se concentrando na pessoa que estavam imaginando, e se concentraram no exercício.

17. Corpo Emprestado

Informações: Exercício de criação pessoal.

Participantes: A partir de 02 participantes.

Material: Nenhum material utilizado.

Objetivo: Trabalhar a concentração e iniciar um trabalho de uso de memórias dos surdos em cena.

Metodologia usada: Surdo interprete e professor ator.

Descrição do Exercício: Em duplas, os surdos caminham em direção ao outro rumo ao centro da sala enquanto isso os demais assistem em forma de plateia, o comando é para que escolham uma pessoa especial em suas vidas materializem-na no corpo do seu parceiro e lembre-se de dois momentos em que estiveram juntos um feliz e um triste, o mediador deve orientar para que caminhem lentamente, ao se posicionarem um de frente para o outro no centro da sala, olhando para o seu parceiro e iniciam a primeiro momento, após mais ou menos 4 minutos, devem recuar de volta as paredes oposta da sala se concentrar e caminhar novamente para reviverem em lembranças o segundo momento.

OBS: Este exercício ocorreu como esperado, a maioria dos surdos demonstraram em diversos momentos em que estavam concentrados, e pude ver que estavam ligados nos momentos em que estavam ativando no exercício.

18. Malabares com Balões:

Informações: Jogo de criação pessoal.

Participantes: A partir de 02 participantes.

Material: Balões.

Objetivo: Exercitar agilidade corporal, reflexo, trabalho em equipe e aquecimento corporal.

Metodologia usada: Surdo interprete.

Descrição do Exercício: Os surdos devem se reunir no centro da sala, o mediador do jogo entrega um balão (cheio) para cada um, para que joguem para cima, o objetivo é não deixar nem um dos balões tocar no chão e nem fique parado na mão de um surdo, em seguida o mediador pede para que comecem e no decorrer do jogo o mediador vai adicionando mais balões, o jogo continua até o primeiro balão cair no chão, o mediador deve parar o jogo, e junto com ao surdos contar quantos balões eles conseguiram manter no ar. Então deve iniciar a próxima rodada e o objetivo é superar o número de balões da rodada anterior, e assim por diante, o jogo termina após no mínimo 3 rodadas quando o mediador perceber que atingiu algum dos objetivos esperados do jogo.

OBS: O jogo teve um bom resultado, os surdos se empenharam bastante em não deixar os balões caírem no chão, buscaram diferentes meios para isso, mantiveram o foco no jogo, mostram está se divertindo com a atividade, não conseguiram jogar com um número muito grande de balões, devido às limitações físicas de alguns surdos, mas, se mantiveram bastante alinhados como equipe.



19. Equilibrista de Balões

Informações: Exercício de criação pessoal

Participantes: A partir de 02 participantes

Material: Balões

Objetivo: Trabalhar a concentração, maleabilidade e equilíbrio do corpo, e controle de energia.

Metodologia usada: Professor ator e mediador em movimento.

Descrição do Exercício: Os surdos recebem um balão (cheio) cada, e devem equilibrado na parte superior da mão (costa da mão), devem fazer isso caminhando pela sala usando o espaço, após terem praticado por um tempo, o mediador deve entregar mais um balão para cada surdo, para que equilibrem na outra mão, terão o desafio de equilibrar dois balões ao mesmo tempo. E caminhar pela sala sem colidir com os demais surdos. O mediador deve ficar sempre alertando os surdos para que não fiquem parados na sala, o exercício continua durante um tempo até que o mediador o encerre.

OBS: O resultado esperado foi obtido, os surdos tiveram um bom desempenho quanto a maleabilidade do corpo, pareciam estar dançando, faziam movimentos suaves, controlados para manter os balões da costa da mão, uma pequena parte deles tiveram dificuldade quando precisaram equilibrar dois balões, mas, diminuíram o ritmo da caminhada e foram conseguindo.



20. Concentração com Balão.

Informações: Exercício de criação pessoal.

Participantes: A partir de 01 participante.

Material: Balões

Objetivo: Trabalhar a concentração e controle de energia.

Metodologia usada: Professor ator.

Descrição do Exercício: O mediador deve entregar um balão (cheio) para cada surdo, e os surdos devem tentar manter o balão totalmente parado na parte superior da mão, e

tentar ir de um lado da sala ao outro sem que o balão se mova na sua mão. O exercício deve ter pelo menos duas repetições, até o mediador termina-lo.

OBS: O resultado do exercício foi satisfatório, no início os surdos tiveram dificuldades no controle de energia estavam muito acelerados, pois percebo que em sua maioria são sempre muito ativos, mas com o decorrer do jogo notei que eles perceberam que para manter os balões parados em suas mãos era necessário diminuir a velocidade e controlar os movimentos do seu corpo, então aos poucos começaram a se concentrar e executar o exercício com mais facilidade.



21. Um outro Final

Informações: exercício de criação pessoal.

Participantes: A partir de 06 participantes.

Material: Nem um material utilizado.

Objetivo: Estimular a capacidade de improvisação em cena.

Metodologia usada: Surdo interprete.

Descrição do Exercício: o mediador descreve uma pequena história aos alunos sem explicar a parte final do conto, exemplo: “um grupo de amigos decidem pedir esmola no trânsito se passando por mendigos, enquanto estão pedindo, uma mãe de um deles passa pelo local e ver a situação e vai até eles...” a partir desse indutor os alunos deveram improvisar em cena, três finais distintos para essa história.

OBS: o desempenho dos surdos nesta tarefa foi bastante satisfatório, eles demonstraram muita criatividade em resolver o caso trabalhado de diferentes maneiras. É importante que a sala seja dividida entre jogadores e observadores como propõe a metodologia de Viola Spolin.

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última sessão exponho o resultado que obtive durante os meses em que estive pesquisando, colhido durante as aulas e no resultado final o exercício cênico denominado de “Surdos em Cena”, além de algumas orientações baseadas em minhas experimentações, voltado para o ensino dos surdos em conjunto à ouvintes.

Apesar dos atropelos por questões de frequência, feriados conseguimos eu e coordenadora do TESLIBRAS não abrimos mão de montar um exercício cênico, um mini espetáculo, pois de acordo com Boal: “o espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso. *O fim é o começo!*” (BOAL 2013, p.18) apresentamos este resultado no encerramento do ano letivo da escola, a apresentação teve por objetivo mostrar a culminância do projeto, onde fiz as últimas observações referentes ao que os surdos conseguiram assimilar das aulas e como se comportaram em cena na presença de público.

O resultado cênico foi chamado de *Surdos em Cena*, e teve o improviso como o coração de todo o exercício, a atuação teve quatro momentos:

O primeiro: uma cena com balões onde os surdos faziam movimentos com o corpo semelhantes a dança, brincando com os balões, representando suas infâncias, de um à um paravam de frente para o público, olhavam para os balões e o estouravam, a seguir voltavam para uma linha ao fundo do palco.

O segundo momento se tratou do improviso propriamente dito, Uisis recebeu o posto de narradora e a tarefa de exibir três temas um por vez para serem encenados: Banheiro, Casamento e Velório (os temas foram exibidos através de imagens impressas em um papel A4, com o nome escrito em baixo). A marcação aconteceu da forma seguinte: os atores permaneciam na linha de onde pararam na cena anterior, a narradora ia até o meio do palco e mostrava o tema para plateia e em seguida para os atores que criavam as cenas improvisando.

O terceiro momento: também foi realizado através de improviso, no entanto, um improviso estruturado. Na penúltima aula pedi para que os alunos contassem situações marcante de sua vida, onde a surdez fosse o fator causador desta situação. Juntamente com a coordenadora do projeto escolhemos um relato de cada ator para transformarmos em cena, na última aula os discentes contaram novamente os casos escolhidos aos seus

colegas, e em conjunto deveriam representar cenicamente essas histórias na apresentação do espetáculo, tudo com apenas uma experimentação feita neste último encontro.

No início da cena a apresentadora informa que as cenas que serão representadas são de casos reais vividos pelos atores, e se iniciam as encenações, posteriormente ao final da improvisação das histórias, chega a fase final do espetáculo em que os atores se alinham a frente do público se apresentam, nome e sinal, e falam qual suas atividades preferidas ou pretensões futuras, e agradecem ao público.

Definir montar desta maneira o espetáculo visto que, a maioria das aulas foram ministradas com o uso dos de jogos ou exercícios teatrais, onde estava sempre em exercício a capacidade dos surdos de resolverem os problemas proposto em cena e a Liberdade de criatividade em razão de que, segundo viola “aprendemos através da experiência” (SPOLIN, 2010. p.3).

Os jogos teatrais e exercícios foram minha maior arma nesse experimento através deles pude fazer uma iniciação consistente do teatro para os surdos, mesmo não tendo fluência em Libras e ao longo do processo percebi que essa abordagem estava funcionando inclusive na realização da última performance cênica. Na qual se tornou perceptível para mim o crescimento dos surdos ao que se refere a cena teatral sendo que, quando iniciaram cometiam diversos erros primários tal com: A má distribuição no palco, uso excessivo de texto e pouca ação, a não movimentação em cena, pouco jogo cênico com os demais praticantes e etc. o que não se repetiu significativamente em *Surdos em Cena*. Tiveram deslizes de modo que: um ator se posicionar afrente do outro e em seguida fez a correção, esquecimento da marcação da cena, e aceleração do ritmo da cena, que acredito ser causado pelo nervosismo da apresentação encontra partida apresentaram um bom jogo cênico, movimentaram a cena, trabalharam em conjunto na improvisação dos temas, mostraram bom desempenho no jogo de ação e reação e foco na cena.

Portanto pude notar não só na conclusão do projeto, mas, também no seu decorrer esse desenvolvimento, é claro que ainda havia muito a se trabalhar para alcançar resultados mais irradiantes, no entanto, o tempo foi escasso toda via foi necessário para despertar novas inquietações que pretendo estudar futuramente, como por exemplo: como proceder com uma turma com alunos surdos e ouvintes sem um intérprete e com apenas uma iniciação em Libras?

Com base nesta vivencia com os surdos já tenho noções de como lhe dar com esse fato indagado a cima, que irei descrever resumidamente a seguir.

Os surdos são ótimos observadores aprendem muito através da visão, e exemplos práticos, sendo uma turma mista há a possibilidade de exemplificar melhor algo que o surdo, ou os surdos não estão conseguindo entender com a ajuda dos alunos ouvintes, que compreenderam mais rápido o que está sendo pedido por utilizarem a fala e audição assim como o professor.

Minha orientação para a realização de uma atividade pratica nestas condições tratadas é que, o professor divida a turma em jogadores e plateia como aconselha Viola e coloque para jogar primeiro os alunos ouvintes, e os surdos serão a plateia com os demais, desta forma os alunos surdos poderão entender pela observação o que deve fazer, e caberá ao professor apenas se certificar de que essa estratégia funcionou, se não, tirar-lhes as dúvidas que restas com demonstrações pratica.

Quanto a explicação de assuntos teórico recomendo o uso de slides com textos pequenos e bastante figuras e imagens em razão de que, os surdos possuem boa leitura de imagem e se cansam ao lerem textos extensos e acabam perdendo o interesse, e usar os sinais de Libras apenas para complementar o ensinamento, desse todos os alunos compreenderam com mais facilidade posto que, o professor tem a fala para complementar um pouco texto exposto no slide.

São teorias que mostram o quanto consegui aprender com este estudo um pouco mais sobre: Cultura dos surdos, seu modo de percepção das situações, suas opiniões. Conheci suas habilidades de descrever objetos ou histórias detalhadamente, devido a prática da comunicação com os demais, e o estudo dos Classificadores em Libras.

É algo que pode vir a enriquecer muito sua atuação no palco teatral, imaginemos a possibilidade de fazer uma peça com um cenário todo imaginário, na qual todos os objetos em cenas sejam descritos pelos atores, seria algo muito rico cenicamente.

Tive a consciência também que surdo é mais teatral que nós atores, professores, estudantes de teatro uma vez que, usam expressões constantemente ao se comunicarem, por exemplo: quando um surdo diz está com fome ele executa o sinal que representa fome juntamente com uma expressão que represente o incômodo causado pela mesma, para facilitar a compreensão do receptor do que está sendo dito, o mesmo servem para outros casos que envolvam sentimentos como: felicidade, medo, confusão, tristeza amor e etc.

Em conclusão digo que o teatro me levou a esses saberes, que por consequência veio a transformar de pensar, de forma a reconhecer que os surdos são capazes de praticar

o teatro, respeitar sua luta por melhorias, entender seus direitos e mais. E se espareceu para uma série de coisas é válido considerar que causou efeito parecido nos surdos.

Através da representação no espetáculo (Surdos em Cena) e dos demais exercícios praticados em sala pelos surdos que propõem representação de momentos reais de suas vidas e a resolução de problemas relacionados a ela, eles puderam perceber que podem por via do teatro falar à sociedade suas dores, alegrias e inquietações, tudo por intermédio da arte, e o professor de teatro é um dos responsáveis por torna isso possível, mostrar essas possibilidades. O que prova sua importância para a inclusão.

Com certeza de todos os trabalhos que fiz durante o decorrer do curso tenho esse como o que mais me marcante, foi o que me fez entender de verdade o valor da solidariedade entre semelhantes que é o que Boal diz ser a parte medular do Teatro do Oprimido. E gostaria de encerrar esta tese com o texto dele que vejo como “texto força desta pesquisa” que diz:

Tenho sincero respeito por aqueles artistas que dedicam suas vidas exclusivamente a sua arte – é seu direito e condição! -, mas prefiro aqueles que dedicam sua arte à vida. ” (Boal, 2013, p.26).

Acredito que seja algo de suma importância a ser pensado por nós professores e artista, será que dedicamos uma parte da nossa arte ou nosso trabalho de ensino dela a vida? Será que usamos a arte com intuito de mudanças positivas para um determinado local, classe social ou grupo de pessoas?

Este trabalho foi pensado com este propósito de levar o teatro aos surdos para que eles também possam desfrutar de todos seus benefícios, e fazer um alerta aos meus colegas professores, que percebem o objetivo deste trabalho e pensem sobre esta questão, não só voltada a surdez mas, em qualquer caso em que pessoas sejam sendo privadas do teatro ou qualquer outro tipo de arte, por possuírem necessidades especiais, ou habitarem em locais, de difícil acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto, **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. 5.ed, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1988.

BOAL, Augusto, **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. 1.ed, COSAC NAIFY, 2013.

CESAR, Ana Maria Roux Valentina Coelho. **Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e na Pesquisa em Administração**. REMAC - Revista Eletrônica Mackenzie de *Casos*. Julho/Dezembro de 2006.

CAVASSIN, Juliana, **Perspectiva para o Teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, V.3, p.39-52, Jan/dez, 2008.

CLARA, Maria. ROSMAN, Marta. **100 Jogos Dramáticos –Teatro-** . 2.ed. AGIR, 2001

FERNANDES, Marcelo. **Os diferentes graus de surdez**. Disponível em: Acesso em: 04/12/2017

LÚCIA, Elidéa. **Uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. reVEL, v.10, n. 19, 2012.

PAULA, Ana. **Língua brasileira de sinais (libras)**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/lingua-brasileira-de-sinais-libras/>. Acesso em: 25/01/2018.

RODRIGUES, Leandro. **O que é deficiência auditiva e surdez?**. Disponível em: <http://institutoitard.com.br/o-que-e-deficiencia-auditiva-e-surdez/>. Acesso em: 07/12/2017.

SPOLIN, Viola, **Jogos Teatrais: O fichário de viola Spolin**. 2.ed, PERSPECTIVA, 2001.

SPOLIN, viola. **Improvisação para o teatro**. PERSPECTIVA, 2010.

TELLES, Narciso. FLORENTINO, Adilson, **Cartografias do ensino do Teatro**. 1.ed, EDUFU, 2009.